
PALAVRA

DE MULHER,

COISA

FECUNDA

Sobre a poesia
de Myriam Fraga

— Cid Seixas —



Texto originalmente publicado
em 26 de agosto de 1996

Grande Otelo não achava justo ser considerado o maior ator negro do Brasil. Ele queria ser, plenamente, ator, sem rótulos ou classificações estético-raciais. Sua arte ultrapassava os limites da sua circunstância e exigia ser vista para além das classificações de grupos considerados minoritários. Infelizmente, ao contrário do que o Grande Ator queria, cada vez mais os preceitos dos repre-

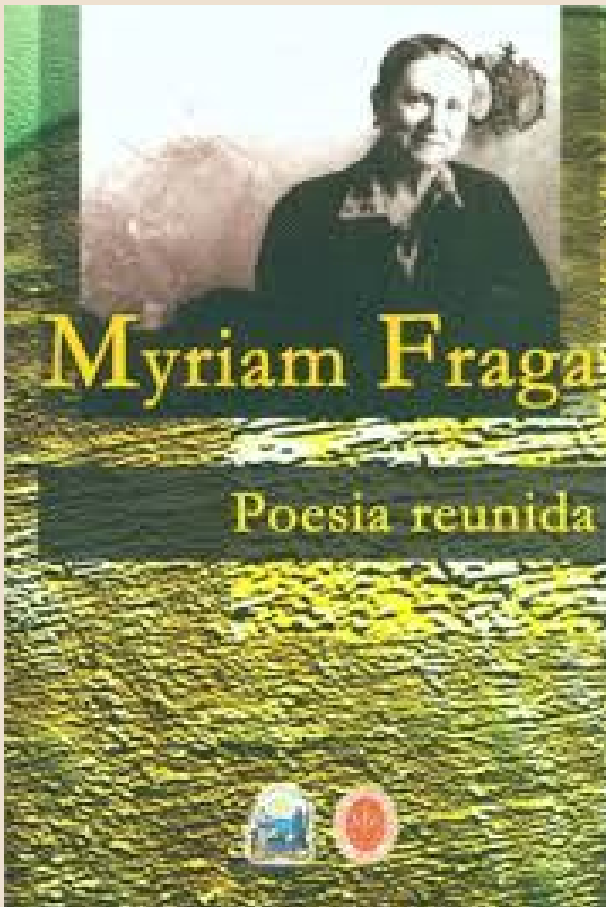
sentantes intelectuais da partição subdividem o território: feminino, masculino, duplo, trans, preto, pardo, branco, amarelo, índio etc.

Tal posição não significa que Grande Otelo não tivesse consciência da sua condição de negro; seu pertencimento separava o estar engajado, ou comprometido, enquanto atitude assumida pelo sujeito, da subordinação da arte às tarefas do politicamente correto.

É nesse ponto de convergência e divergência que a poética de Myriam Fraga, aqui tomada como objeto central, evoca relações com a arte interpretativa do ator.

É verdade que com os estudos culturais, nascidos na Universidade de Birmingham e importados com atraso de mais de vinte anos para o Brasil, o estatuto da arte cedeu lugar à identidade cultural. Para o velho Aristóteles, o erro maior cometido pelo poeta residiria no interior da obra estética, quando não são observados os seus princípios de construção; e não no mundo real, enquanto os estudos culturais invertem essa perspectiva.

Considera-se isoladamente a arte do negro, a arte da mulher, a arte do homossexual, como se a criação fosse uma fraqueza paroquial e não uma força universal. O grande artista será sempre reconhecido como artista, independentemente das festinhas íntimas dos pequenos grupos e confrarias. Fernando



Pessoa não precisa das celebrações homoeróticas nem do Dia do Orgulho Gay para ser uma das vozes mais significativas da literatura do século XX. Seu valor ultrapassa sua circunstância e silencia as grossas vozes do preconceito.

A posição – instigante e provocativa, dialeticamente assumida aqui, – não invalida nem desconhece a importância dos movimentos destinados a marcar a dignidade das ditas minorias, ou das maiorias não reconhecidas; ela apenas não subordina a arte ao compromisso cultural. Ela vê a arte como obra de arte e não como documento da cultura. A sociologia, a antropologia e outras disciplinas cumprem de forma bem melhor esse papel. Elas estudam a arte, através da perspectiva dos grupos sociais para compreender esses objetos, e não o fenômeno artístico como objeto específico.

Voltamos, portanto, a uma questão tratada e retratada pelo *new criticism*, no início do século vinte: a diferença entre o estudo imanente e as relações socioculturais da lite-

ratura. Desconhecer uma das faces da folha nos reconduz às discussões dos nossos avós.

Quem sente na pele as consequências do processo de exclusão, ou de apoucamento do seu espaço, lança mão de todas as armas para combater o bom combate. Entre optar pela imanência dos estudos, enquanto especialista, ou conquistar o lugar que lhe é roubado, a militância de toda e qualquer causa tem como justo objetivo pugnar pelos resultados visados – e ainda mantidos distantes.

Entende-se aí a aparente contradição de atitudes responsivas como a de Grande Otelo e de outros personagens dos dramas, tragédias e comédias da vida pública ou privada.

O ator não queria olvidar a sua condição de negro, mas percebia que ao lhe outorgar o título de maior ator negro do Brasil, implicitamente, era negada a possibilidade de um negro – ao invés de um branco – ser o melhor do país.

Mas o momento, esse nosso tempo de agora, marcado por acertos e equívocos, por diálogos de interlocutores mutuamente surdos à fala do outro, estuda a mulher como

grupo minoritário. Ou como margem de um processo. Fala-se em literatura feminina como subdivisão, como se a mulher não fosse por excelência fonte e sujeito da criação artística. Na verdade, tal atitude expõe uma ferida inflamada pelas desigualdades e injustiças teimosamente cultivadas.

Myriam Fraga sabe disso melhor do que todos nós. Seu livro *Femina* é um testemu-



Encontro de poetas nos anos oitenta: Raimundo Lopes, Myriam Fraga, Cid, Evandro Barreto, Antonio Brasileiro e Juraci Dórea, durante a palestra de Myriam e Cid em Feira de Santana.

nho eloquente do lugar da mulher no universo da criação e da inteligência.

Uma escritora plena e senhora do seu sentir não precisa ser descoberta pelos grupos de beneficência intelectual da mulher nem ser estudada como *poetisa*. Ela é poeta, completa, conforme a assonância de implicações semânticas presente no texto de Cecília Meireles que diz:

*“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.”*

Ressalte-se, no entanto, que o mundo dá voltas e, nas voltas que o mundo dá, as perspectivas mudam. Se do princípio aos meados do século vinte, o termo “poetisa” era considerado restritivo e inadequado para dar conta do trabalho de uma escritora, pouco tempo depois ele se impunha como necessidade de afirmação e de pertencimento. Desse modo, o tempo ensina que a verdade de um é a mentira do outro.

Aliás, como a própria Myriam nos ensina, com soberana ironia, talvez:

*“Poesia é coisa
De mulheres.
Um serviço usual,
Reacender de fogos.”*

O texto que abre o livro e serve de *partipris*, “Ars poetica”, fala por si, dispensando os argumentos. Todos os poemas giram em torno de um só e único eixo, o ser mulher.

Cada poema é uma fala de personagens. Alguns imortalizados ou tornados clássicos pela tradição literária, como as mulheres retiradas da Bíblia para o espaço profano e sagrado do poema. Outros personagens, bem nossos, saem da aridez das caatingas, como Maria Bonita, para adquirir voz profunda e cortante, como seu punhal de guerreira, no texto de Myriam Fraga.

A sensualidade de alguns poemas se contrapõe ao descompasso feroz do trágico, presente em outros. O Exu baiano ou o Eros greco-europeu, o mesmo doce menino de



setas envenenadas, com deliciosas diabruras, quer neutralizar o tirânico poder de Thanatos, sempre a escrever com sangue a frase derradeira da história.

Muita gente confunde o lírico com a expressão do eu do poeta. Até mesmo um crítico-criador da modernidade como T. S Eliot, ao tratar das três vozes da poesia, identifica o gênero lírico com a primeira pessoa, com aquela que fala. Mas poesia é fingimento. Não foi preciso Pessoa dizer isto; há muitos anos antes já se sabia. Na nossa tradição literária, que remonta às fronteiras de Portugal e da Galícia, no século XIII, as cantigas de amigo surgiam como obras de ficção. O poeta dava voz aos personagens femininos como agora,

sete séculos depois, Myriam Fraga volta a fazer com maestria.

Assim como as cantigas de amigo, sem deixarem de pertencer ao gênero lírico, traziam em si pequenas narrativas que funcionavam como pretexto da exaltação lírica, em *Femina*, passamos da descrição de estados de ânimo a pequenos núcleos narrativos investidos de função descritiva.

Desde *Sesmaria*, de 1969, que Myriam Fraga elege, canta e conta um tema que serve de centro constelar do livro. Esse procedimento, na verdade, pode ser flagrado aqui e ali em outros dos seus trabalhos, mas sem a mesma nitidez. Tanto *Sesmaria* quanto *Femina* ultrapassam a condição de reuniões de poemas dispersos para afirmar o estatuto de obras orgânicas em que os poemas são falas de um grande diálogo.

Não por acaso, o tom épico se infiltra igualmente no lirismo de *Sesmaria* e na obra da maturidade da autora. No livro escrito nos anos sessenta, a poeta cantava a sua cidade; agora, é o mundo, com todas as suas mulheres, que vem ao encontro da poesia de

Myriam Fraga. Mitos sociais e individuais reinventam o universo da mulher, permitindo àquela que outrora cantou a sua cidade erguer a voz para cantar o mundo. Mas, aí, as encruzilhadas se confundem. E ela canta os labirintos do próprio ser. Literatura é ficção; quer em verso ou em prosa. Flaubert já lembrava: “Madame Bovary c’est moi”. E Fernando Pessoa “finge tão completamente, que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”.

Eis o canto de Myriam Fraga; que assim se afirma enquanto Poeta e enquanto Mulher.

Cid Seixas

Universidade Federal da Bahia

linguagens.ufba.br/2021/myriamfraga.pdf

PALAVRA DE MULHER, COISA FECUNDA. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*. Salvador, 26 ago. 96. Republicado em *A Literatura na Bahia*, Livro V, *Peji de inventos*. E-Book.Br, 2018, p.100-106.